

Subsecretaria de Vigilância à Saúde / Secretaria de Saúde - DF

Comportamento epidemiológico das arboviroses no Distrito Federal, até a semana epidemiológica nº 02, 2019

1. INTRODUÇÃO

Este informativo apresenta os dados de 2019, até a Semana Epidemiológica (SE) 02 – 30/12/2018 a 12/01/2019, comparados com o mesmo período de 2018. Estão apresentados o número de casos, o número de óbitos e o coeficiente de incidência, calculado utilizando-se o número de casos novos prováveis dividido pela população de determinada área geográfica, e expresso por 100 mil habitantes. Também é apresentado o número de casos registrados em 2017 para três doenças: dengue, febre de chikungunya e febre pelo vírus Zika. Além dessas três doenças, este informativo aborda febre amarela. Não há registro de notificação das demais arboviroses.

A análise epidemiológica foi elaborada com os “casos prováveis”. Esses casos são obtidos pela exclusão dos casos descartados do conjunto dos casos notificados no período em análise. O descarte é proporcionado por diagnóstico laboratorial **não reagente** do teste de ensaio imunoenzimático, desde que a coleta de amostra de sangue do caso suspeito tenha sido oportuna e os demais exames, como teste rápido e testes microbiológicos têm sido negativos, quando realizados. O descarte também ocorre quando há a confirmação de diagnóstico para outras doenças. Os casos de dengue grave, dengue com sinais de alarme e óbitos por dengue informados foram confirmados por critério laboratorial ou clínico-epidemiológico.

Como a distribuição das arboviroses tem uma marcada distribuição segundo as estações do ano (climáticas), em que no Distrito Federal (DF) a sequência primavera-verão tem padrão, predominantemente, úmido e a sequência outono-inverno tem padrão, predominantemente, seco, com histórico distinto de quantidade de registros, para essa análise, optou-se pela abordagem específica para a sequência primavera-verão (período vigente).

Todos os dados deste informativo são provisórios e podem ser alterados no sistema de notificação. Isso ocorre, principalmente, quando há elevada quantidade de notificações extrapolando a capacidade operacional de inclusão dos registros nos sistemas eletrônicos – Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). Isso pode ocasionar diferenças nos números divulgados de uma mesma semana epidemiológica, nos sucessivos informativos apresentados a cada semana.

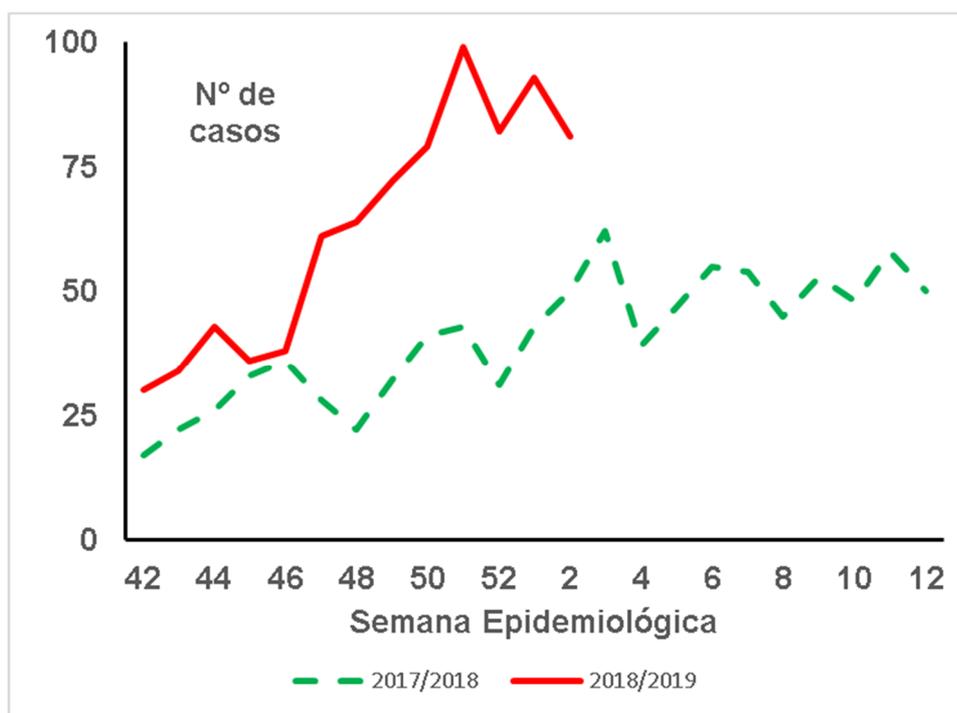
Esta análise apresentada pode estar distorcida em relação à verdadeira situação epidemiológica, dependendo da quantidade de suspeitas clínicas de arboviroses que não são notificadas, nem registradas, no Sinan.

2. DENGUE

No período de primavera-verão de 2017 para 2018 (SE 42/2017 a SE 12/2018), verificou-se que o número de casos prováveis de dengue foram registrados com relativa estabilidade, sendo que nas semanas

epidemiológicas do início de 2018 detectou-se um discreto acréscimo de casos. Já na primavera-verão de 2018 para 2019, observou-se um aumento no registro de casos, sinalizando a vigência de uma situação epidemiológica preocupante (Figura 1).

No Distrito Federal, a Secretaria de Estado de Saúde (SES) registrou **195 casos suspeitos de dengue**, até a SE 02 de 2019, dos quais 184 (94,4%) são residentes do Distrito Federal e 11 (5,6%) residem em outras UF. Desses, foram registrados **174 casos prováveis de dengue**, com uma incidência de 5,61 casos por 100 mil habitantes.



Fonte: SINAN Online (banco de 2017 atualizado em 04/06/2018; de 2018 e 2019 em 21/01/2019).
Dados sujeitos à alteração.

Figura 1 – Casos prováveis de dengue, por semana epidemiológica de início de sintomas. Distrito Federal, nas estações do ano da primavera-verão 2017- 2018 e 2018-2019.

Em 2019, até a SE 02, a região Leste apresentou 49 (30,4%) casos prováveis, o maior percentual entre as regiões de saúde em relação ao total do DF. Em seguida, destacam-se as Região de Saúde Norte, com 34 (22,4%), e Sudoeste, com 26 (16,1%) casos prováveis. A Região de Saúde Centro-Sul, apesar de apresentar apenas 19 (11,8%) casos prováveis tem um incremento de 850% em relação à 2018. O incremento na Região de Saúde Sul também parece relevante, com 200% (Tabela 1).

Tabela 1 – Variação da incidência do número de casos prováveis de dengue, até a semana epidemiológica 02. Distrito Federal, 2018 e 2019.

Região de Saúde	Casos Prováveis		Variação %
	2018	2019	
Central	4	9	125,0
Centro-Sul	2	19	850,0
Leste	22	49	122,7
Norte	39	34	-12,8
Oeste	7	18	157,1
Sudoeste	14	26	85,7
Sul	2	6	200,0
Total	90	161	78,9

Fonte: Sinan Online (bancos de 2018 e 2019 atualizados em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração. Houve 13 casos prováveis sem a informação do endereço de residência.

O incremento na Região de Saúde Centro-Sul concentra-se na Cidade Estrutural e no Guará (Tabela 2).

Tabela 2 – Variação da incidência do número de casos prováveis de dengue, até a semana epidemiológica 02; Região de Saúde Centro-Sul, Distrito Federal, 2018 e 2019.

R.A. da Centro-Sul	2018	2019	Variação (%)
Candangolândia	-	1	incremento
Guará	1	5	400,0
Núcleo Bandeirante	-	-	-
Park Way	-	-	-
Riacho Fundo I	-	-	-
Riacho Fundo II	1	1	-
Cid. Estrutural	-	12	incremento
SIA	-	-	-
Total	2	19	850,0

Fonte: Sinan Online (bancos de 2018 e 2019 atualizados em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração.

Os coeficientes de incidência dos casos prováveis, segundo as regiões de saúde e algumas regiões administrativas discriminadas na tabela 3, com dados acumulados para as semanas epidemiológicas 01 e 02 de 2019, estão com valores abaixo de 100 casos por 100 mil habitantes/mês, configurando baixa incidência, segundo os parâmetros da Secretaria de Vigilância em Saúde, do Ministério da Saúde. Ainda assim, considerando o recente incremento acelerado de casos, vistos na figura 1, observa-se que a Cidade Estrutural, Planaltina e três regiões administrativas da Região de Saúde Leste têm os maiores coeficientes, na primeira quinzena de janeiro de 2019. A Região de Saúde Leste está com o coeficiente de incidência de 20,28 casos por 100 mil hab., e as regiões administrativas mais atingidas variam de 18,35 a 26,09 casos por 100 mil hab.

Tabela 3 – Incidência de casos prováveis de dengue, até a semana epidemiológica 02, por região de saúde e algumas regiões administrativas. Distrito Federal, 2019.

Região de Saúde	Incidência mensal (/100 mil hab.)
	janeiro
Central	1,98
Centro-Sul	5,77
.Cid. Estrutural	34,39
Leste	20,28
.Itapoã	19,14
.Jardim Botânico	4,12
.Paranoá	18,35
.São Sebastião	26,09
Norte	8,61
.Planaltina	14,26
Oeste	3,27
Sudoeste	3,14
Sul	1,98
Total DF	0,72

Fonte: Sinan Online (banco de 2019 atualizado em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração. Houve 13 casos prováveis sem a informação do endereço de residência. Em seis (20,6 %) RA não houve registro de casos no período. Nas outras 18 RA o coeficiente de incidência variou de 0,72 a 7,35.

Os coeficientes de incidência dos casos prováveis acumulados entre os grupos de idade, para as semanas epidemiológicas 01 e 02, têm pouca variação no ano de 2019, à exceção do percentual de casos no grupo de 20 a 49 anos que é cerca de quatro vezes maior que o grupo de menores de 10 anos. No mesmo período de 2018, o risco foi maior para o grupo de 20 a 49 anos com relevante valor para o grupo dos menores de 10 anos (Tabela 4). O grupo de 20 a 49 anos (46,2%) teve o percentual maior que o de menor de 10 anos (36,3%) (Tabela 4).

Tabela 4 – Casos prováveis de dengue, até a semana epidemiológica 02, por grupo de idade. Distrito Federal, 2018 e 2019.

Faixa Etária (anos)	Casos 2018			Casos 2019		
	nº	%	Coef.	nº	%	Coef.
< 10	33	36,3	7,97	20	11,5	4,83
10-19	8	8,8	1,75	30	17,2	6,56
20-49	42	46,2	2,64	93	53,4	5,84
50 ou +	8	8,8	0,13	31	17,8	4,86
Total	91	100,0	2,93	174	100,0	5,61

Fonte: Sinan Online (bancos de 2018 e 2019 atualizados em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração. Coeficiente de incidência por 100 mil habitantes de cada grupo etário.

Em 2019, até a SE 02, foram confirmados cinco casos de dengue com sinais de alarme, sendo dois casos registrados na Região de Saúde Norte, dois na Região de Saúde Oeste e um na Região de Saúde Sudoeste. Não houve registro de casos graves de dengue. O óbito ocorrido foi na Região de Saúde Norte. No mesmo período de 2018, não foram confirmados nenhum caso de dengue grave, nem caso de dengue com sinais de alarme, nem óbitos por dengue (Tabela 5).

Tabela 5 – Casos confirmados de dengue com sinais de alarme, dengue grave e óbitos por dengue, segundo as regiões de saúde, até a semana epidemiológica 02. Distrito Federal, 2018 e 2019.

Região de Saúde	Casos Confirmados de Dengue					
	2018			2019		
	Com Sinais de Alarme	Grave	Óbitos	Com Sinais de Alarme	Grave	Óbitos
Central	-	-	-	-	-	-
Centro-Sul	-	-	-	-	-	-
Leste	-	-	-	-	-	-
Norte	-	-	-	2	-	1
Oeste	-	-	-	2	-	-
Sudoeste	-	-	-	1	-	-
Sul	-	-	-	-	-	-
Total	-	-	-	5	-	1

Fonte: Sinan Online (bancos de 2018 e 2019 atualizados em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração.

Para o monitoramento da circulação viral de dengue no DF foram analisadas 25 amostras até a SE 02 de 2019 no Laboratório Central de Saúde Pública (Lacen) - DF. Nas amostras analisadas houve identificação do sorotipo viral Denv-1 (1) e Denv-2 (6) (Tabela 6).

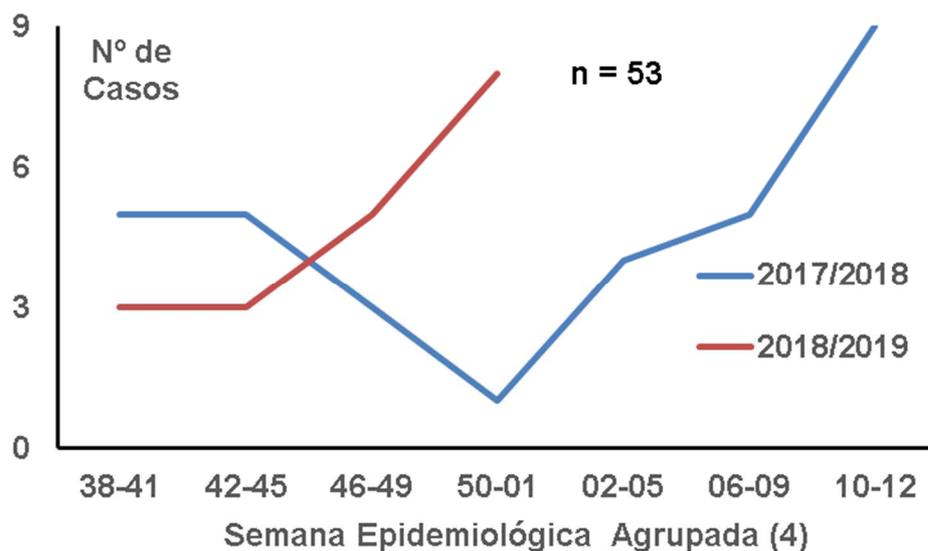
Tabela 6 – Sorotipos virais de dengue, segundo as regiões de saúde, até a semana epidemiológica 02. Distrito Federal, 2019.

Região de Saúde	Sorotipos Virais de Dengue no DF				
	2019				Total
	DenV-1	DenV-2	DenV-3	DenV-4	
Central	-	-	-	-	-
Centro-Sul	1	4	-	-	5
Leste	-	-	-	-	-
Norte	-	-	-	-	-
Oeste	-	-	-	-	-
Sudoeste	-	1	-	-	1
Sul	-	1	-	-	1
Total	1	6	-	-	7

Fonte: Trakcare (Núcleo de Virologia/ Gerência de Biologia Médica/Lacen). Dados sujeitos à alteração.

3. FEBRE DE CHIKUNGUNYA

Verifica-se que no período de primavera-verão de 2017 para 2018 (SE 38/2017 a SE 12/2018) e de 2018 para 2019, detectou-se 53 casos prováveis de febre de chikungunya, com 32 e 21 casos respectivamente. As curvas de casos prováveis por semanas epidemiológicas de início dos sintomas agrupadas (quatro semanas) mostram que o incremento do número de casos no período atual está mais precoce que no ciclo anterior (Figura 2). Como no ciclo anterior não houve incremento de casos após o verão, uma projeção possível é que o incremento atual também possa ser estagnado, se o controle vetorial for efetivo. Ressalva-se que apenas nove casos no período estudado estão classificados como autóctones. Mesmo casos alóctones são importantes, pela potencialidade de disseminação com a infestação vetorial disponível no Distrito Federal (**Figura 2**).



Fonte: SINAN Online (banco de 2017 atualizado em 04/06/2018; de 2018 e 2019 em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração.

Figura 2 – Casos prováveis de febre de chikungunya, por semana epidemiológica de início de sintomas. Distrito Federal, nas estações do ano da primavera-verão 2017- 2018 e 2018-2019.

Em 2019, até a SE 02 foram registrados **quatro casos prováveis de febre de chikungunya** em residentes no DF com uma incidência de 0,12 casos por 100 mil hab., entretanto, nenhum foi classificado como autóctone. Menos de 70,0% dos casos prováveis, no período de 2017 a 2019, foram classificados como autóctones. A procedência dos alóctones predominou de Goiás e Ceará (Tabela 7).

Tabela 7 – Casos prováveis de febre de chikungunya, por Unidade Federada de fonte de infecção. Distrito Federal, 2017 a 2019.

UF de infecção	Casos Prováveis	
	n	%
DF	37	69,8
GO	4	7,5
CE	4	7,5
MT	2	3,8
TO	2	3,8
Outras UF	4	7,5
Total	53	100,0

Fonte: SINAN Online (banco de 2017 atualizado em 04/06/2018; de 2018 e 2019 em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração.

Os casos prováveis em residente no DF, das SE 01 e SE 02 de 2019 são de apenas três regiões de saúde (Tabela 8).

Tabela 8 – Casos prováveis de febre de chikungunya, até a semana epidemiológica 02. Distrito Federal, 2019.

Região de Saúde	n
Centro-Norte	-
Centro-Sul	-
Leste	-
Norte	-
Oeste	1
Sudoeste	2
Sul	1
Total	4

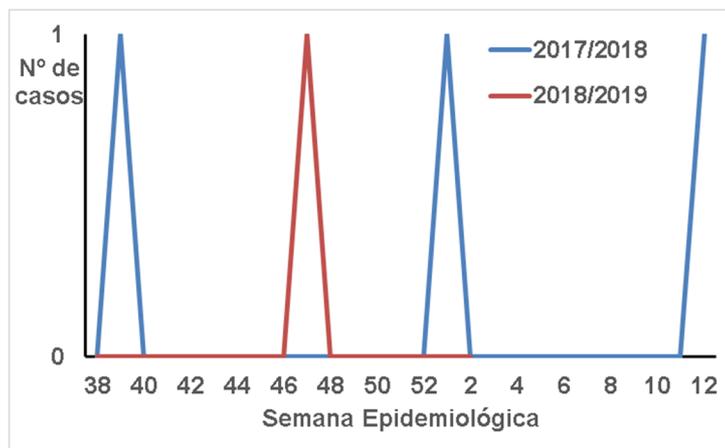
Fonte: Sinan Online (bancos de 2018 e 2019 atualizados em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração.

4. FEBRE PELO VÍRUS ZICA

A incidência de febre pelo vírus Zika no DF, nos períodos de primavera-verão de 2017-2018 e 2018-2019, está sendo caracterizada pela pequena quantidade de casos confirmados – apenas quatro nesses períodos. Ainda observa-se que estão isolados em semanas epidemiológicas distintas, sem conferir um padrão epidemiológico; situação própria de eventos com pouquíssimos registros (Figura 3).

Por outro lado, nesses períodos foi descartado um total de 260 notificações, sendo 164 e 96 em cada período citado acima, respectivamente. Considerando que os exames diagnósticos em uso para essa enfermidade no DF é a reação em cadeia de polimerase (PCR) cujo valor preditivo negativo, em geral, é baixo, e não há disponibilidade de outro tipo de diagnóstico específico, pode existir um expressivo sub-registro dessa enfermidade, ampliando a fragilidade dos dados disponíveis.

Nesse sentido, novos recursos diagnósticos e epidemiológicos precisam ser incorporados para o seguimento epidemiológico dessa doença, no DF.



Fonte: SINAN Net (banco de 2017 atualizado em 04/06/2018; de 2018 e 2019 em 21/01/2019).
Dados sujeitos à alteração.

Figura 3 – Casos prováveis de febre pelo vírus Zika, por semana epidemiológica de início de sintomas. Distrito Federal, nas estações do ano da primavera-verão 2017- 2018 e 2018-2019.

5. FEBRE AMARELA

No Distrito Federal, a Secretaria de Estado de Saúde (SES) **registrou 02 casos suspeitos de febre amarela**, em residentes do DF, até a SE 02 de 2019 (Tabela 8). O caso notificado em residente do DF segue em investigação.

Tabela 8 - Número de casos notificados de febre amarela no Distrito Federal, segundo local de residência, até a semana epidemiológica 02. Distrito Federal, 2018 e 2019.

Casos de Febre Amarela	Residentes no Distrito Federal			Residentes em Outras UFs			Total de Casos 2019
	2018	2019	Variação %	2018	2019	Variação %	
Notificados	16	4	-75	2	2	0	6
Confirmados	1	0	-100	0	0	0	0
Em investigação	0	2	+/-	0	1	+/-	3
Inconclusivo	0	0	0	0	0	0	0
Descartados	15	2	-87	2	1	-50	3

Fonte: SINAN Net (banco de 2018 e 2019 atualizados em 21/01/2019). Dados sujeitos à alteração.

Brasília, 28 de janeiro de 2019.

Subsecretaria de Vigilância à Saúde – SVS

Elaine Faria Morelo – Subsecretária

Diretoria de Vigilância Epidemiológica - Divep

Ivoneide Duarte Cordeiro Giovanetti – Diretora Substituta

Elaboração :

Flávia Sodré Silva – Enfermeira - área técnica de vigilância epidemiológica da Dengue, Zika e Chikungunya.

Roberto de Melo Dusi – Médico - área técnica de vigilância epidemiológica da Leptospirose e Hantavirose.

Revisão:

Fabiano dos Anjos Pereira Martins – Gerente Interino – Gerência de Vigilância das Doenças Transmissíveis – **GVDT**.

Ricardo Gadelha de Abreu – Assessor técnico - Diretoria de Vigilância Epidemiológica – **Divep**.

Endereço:

Estádio Nacional de Brasília Mané Garrincha

SRPN – Asa Norte

Entrada Portão 5 – Nível A – salas 5 e 6

CEP: 70.070-701 - Brasília/DF

E-mail: gedcatdf@gmail.com